

Ad Universi Terrarum Orbis Summi Architecti Gloriam

**SUPREMO CONSELHO DO
RIT.: ESC.: ANT.: E AC.: NO BRASIL**



**Ritual do Grau 32
Sublime Príncipe do Real Segredo**

**Acampamento de Campo Grande
Estado de Mato Grosso do Sul - MS**

AD UNIVERSI TERRARUM ORBIS SUMMI
ARCHITECTI GLORIAM

**SUPREMO CONSELHO
DO RITO ESCOCÊS ANTIGO E ACEITO NO BRASIL**

QUARTA SÉRIE

CONSISTÓRIO DE PRÍNCIPES DO REAL SEGREDO

GRAUS ADMINISTRATIVOS

XXXII

**Este Ritual por nós autenticado, foi aprovado e adotado
pelo Soberano e Supremo Conselho para o Brasil do
Rito Escocês Antigo e Aceito, sendo para uso do Irmão:**

Acampamento de Campo Grande ____ / ____ / ____



**Antonio Fernandes Teixeira
Soberano Grande Comendador
2.004**

ÍNDICE:

Painel do grau XXXII	005
Considerações gerais e preliminares	006
Princípios regulamentares,	006
Instruções preliminares	007
I – Ordem dos trabalhos / II - Ordem do dia	018
III - Dignidades, visitantes e honrarias	018
IV – Refeições e banquetes / V - saudações	022
Preparação de templo	023
Entrada no templo	024
Iluminação do templo, Oficiais e títulos	025
Indumentária – paramentos e trajes	026
Estandartes	027
Painel do grau 32	028
Plano do templo	030
Acampamento	031
Ritual do grau 32	032
Abertura dos trabalhos	032
3ª Parte - Iniciação	036
Juramento	045
Consagração e investidura	045
5ª Parte 1ª Instrução - questionário	047
6ª Parte 2ª Instrução Painel do grau	050
A Cúria / decoração da Cúria	052
7ª Parte 3ª Instrução	056
8ª Parte – Encerramento dos trabalhos	067
Juramento	067
Consagração e Investidura	068
Instrução do grau 32	070
Encerramento	071
Grãos Simbólicos e Filo/Cobridores e telhamento	073

Versículos bíblicos e cobridores dos graus: I ao XXXII

Grau I – Leitura, Cobridor e Trolhamento	073
Grau II– Leitura, Cobridor e Trolhamento	076
Grau,III–Leitura, Cobridor e Trolhamento, Diálogos	078
Rituais dos graus filosóficos:	083

Grau IV – Leitura, Cobridor e Trolhamento	083
Grau V – Leitura, Cobridor e Trolhamento	084
Grau VI – Leitura, Cobridor e Trolhamento	086
Grau VII - Leitura, Cobridor e Trolhamento	088
Grau VIII – Leitura, Cobridor e Trolhamento	091
Grau IX - Leitura, Cobridor e Trolhamento	091
Grau X– Leitura, Cobridor e Trolhamento	092
Grau XI, Leitura, Cobridor e Trolhamento	094
Grau XII – Leitura, Cobridor e Trolhamento	095
Grau XIII – Leitura, Cobridor e Trolhamento	095
Grau XIV – Leitura, Cobridor e Trolhamento	098
Grau XV – Leitura, Cobridor e Trolhamento	100
Grau XVI – Leitura, Cobridor e Trolhamento	102
Grau XVII– Leitura, Cobridor e Trolhamento	104
Grau XVIII – Leitura, Cobridor e Trolhamento	105
Grau XIX - Leitura, Cobridor e Trolhamento	107
Grau XX – Leitura, Cobridor e Trolhamento	109
Grau XXI – Leitura, Cobridor e Trolhamento	111
Grau XXII – Leitura, Cobridor e Trolhamento	112
Grau XXIII – Leitura, Cobridor e Trolhamento	114
Grau XXIV, Leitura, Cobridores e Trolhamento	116
Grau XXV, Leitura, Cobridores e Trolhamento	117
Grau XXVI, Leitura, Cobridores e Trolhamento	119
Grau XXVII – Leitura, Cobridores e Trolhamento	120
Grau XXVIII – Leitura, Cobridores e Trolhamento	122
Grau XXIX – Leitura, Cobridores e Trolhamento	123
Grau XXX – Leitura, Cobridores e Trolhamento	126
Grau XXXI– Leitura, Cobridores e Trolhamento	128
Grau XXXII – Leitura, Cobridores e Trolhalhamento	130
Dossiê do candidato	137
Súplica e questionário	138



Antonio Fernandes Teixeira

RITUAL DO GRAU XXXII

SUBLIME PRÍNCIPE DO REAL SEGREDO

1º PARTE

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Os Rituais aprovados e adotados pelo Soberano e Supremo Conselho para o Brasil do R.:E.:A.:A.: são os únicos a serem usados pelos Corpos Filosóficos Subordinados da Jurisdição. Todos os exemplares, para que tenham a devida e indispensável garantia oficial, serão autenticados pela chancela, timbre e sinete, do Soberano Grande Comendador.

PRINCÍPIOS REGULAMENTARES

O Príncipe do Real Segredo tem por dever e estrita obrigação assistir a todas as reuniões de seu Consistório e quando, por doença ou por imperioso empecilho não possa comparecer, comunicará, por escrito, ao Presidente, enviando-lhe, ao mesmo tempo, o seu óbolo para o Tronco de Solidariedade, pois, jamais se esquecerá que a coleta em auxílio aos necessitados é obrigatória.

O titular de qualquer cargo exceto o Presidente, ao penetrar no Templo, se a Sessão já houver começado, fará as saudações usuais e irá sentar-se no último lugar do lado Sul, até receber convite para ocupar o posto que lhe compete.

Os postos de Gr.: Capitão das Guardas e Gr.: Cobridor serão sempre ocupados por Príncipes do Real Segredo mais moços.

Todos os membros de um Consistório de Príncipes do Real Segredo são cotizantes.

INSTRUÇÕES PRELIMINARES

O Grau de Sublime Príncipe do Real Segredo, surgiu de uma das reformas tentadas em França, antes da constituição do Rito Escocês Antigo e Aceito, para englobar no quadro do Rito de Heredon ou de Perfeição, um certo número de Graus que constituem sistemas independentes: Rosa Cruz; Cavaleiros do Arco Real; Príncipes de Jerusalém; Cavaleiros do Oriente e Ocidente; Príncipes Adeptos; Cavaleiros do Sol; Ordem dos Noaquitas e Ordem dos Kadoschs.

Os Regulamentos e as Constituições dos Sublimes Cavaleiros do Real Segredo – Príncipes da Maçonaria – foram redigidos em Bordeaux, em 1750, pelo Grande Consistório organizado pela efêmera Ordem dos Imperadores do Oriente e do Ocidente.

Encontra-se nesse documento uma relação de vinte e cinco Graus, divididos em sete classes, constituindo o Colégio dos Sublimes Cavaleiros do Real Segredo, o Supremo Grau e a Suprema direção do Rito.

Os fundadores do Rito Escocês Antigo e Aceito ampliaram esse sistema, introduzindo-lhe oito novos Graus e sobrepondo ao de Príncipe do Real Segredo, transformado no Grau 32, as funções do Soberano Grande Inspetor Geral 33 e último Grau da Ordem.

Inter-correntemente, Conselhos particulares de Príncipes do Real Segredo foram criados na França,

Antonio Fernandes Teixeira

nos Estados Unidos da América do Norte, na Bélgica e outros países. Foi dentre os Membros desses Conselhos que se recrutaram os Grandes Inspetores Gerais, primeiros convocados, para formarem os Supremos Conselhos. Os Conselhos do Grau 32, tomaram, desde então, a denominação de Consistórios.

Em certas Jurisdições só existe um Consistório na sede do Supremo Conselho, em outras há vários, mas, então, regidos por um Grande Consistório que exerce sobre eles os Corpos Subordinados funções análogas às das Grandes Lojas na Maçonaria Simbólica. É o que se dá nas duas Jurisdições dos Estados Unidos da América do Norte, onde encontramos um Grande Consistório para cada Estado da União.

No Supremo Conselho do R.:E.:A.:A.: existirá, no mínimo, em cada Região Litúrgica um Consistório que rege e comanda os Graus 31 e 32 da Jurisdição.

Quando a Região Litúrgica necessitar de mais de um Consistório, o Soberano e Supremo Conselho poderá criá-los no interesse do desenvolvimento do Rito e da Jurisdição, sem a necessidade de Grande Consistório. Em verdade o Grau 32 é principalmente um Grau de recapitulação e de síntese. Desde que de seus titulares são escolhidos os dirigentes do Rito é preciso, mais do que nos outros Graus, recordar os Graus anteriores da escala laboriosamente trilhada.

É preciso ter em mente que ele guarda o Real Segredo. Muito se discutiu se a Maçonaria se prende aos Mistérios Antigos por uma filiação direta. Sem entrar aqui no exame desse problema que ressalta exclusivamente da crítica histórica, podemos verificar,

Antonio Fernandes Teixeira

contudo, que as duas Instituições repousam, sempre sobre o mesmo princípio e funcionam pelos mesmos processos.

Afora certas fórmulas sem significação real, os Mistérios da Antigüidade clássica nada de original encerram. Seus mitos e suas lendas, eram mais ou menos, do domínio do povo; seus emblemas consistiam em objetivos usuais e em imagens quaisquer; suas doutrinas, como objetiva Sêneca, podiam se regular nas diversas escolas da filosofia contemporânea. O que constituiu seu prestígio, sua influência e sua razão, foi, primeiro, terem elas a pretensão de assegurar a seus Neófitos o acesso a uma vida superior neste ou outro mundo, segundo, poderem, em virtude da plasticidade inerente ao simbolismo e sem alterar a forma de suas tradições, veicular interpretações variando com os dados progressivos da razão e da consciência.

Assim os Mistérios de Eleusis, depois de terem sido originariamente, uma conjuração mágica para obter fertilidade nas searas nos campos da Ática, tornaram-se um meio para assegurar a felicidade na vida póstuma e acabaram sob influência do Orfismo e depois do neoplatonismo, por ter aberto ao exame mais profundo da filosofia antiga. Entretanto, seus ensinamentos foram sempre uma tendência mais do que uma doutrina.

Um filósofo grego que morreu como bispo de Ptolomásia, produziu trabalhos tão antagônicos a respeito das duas religiões que os eruditos ainda discutem se ele os escreveu antes ou depois de sua conversão ao cristianismo.

Sinésius caracterizava assim o método dos Mistérios: “Segundo Aristóteles nada se incutia aos Iniciados com precisão; contentava-se em lhes dar uma impressão, pondo-os em certa disposição do espírito”. Encontramos o mesmo método na Maçonaria especulativa que se esforça menos em propagar um sistema filosófico e social do que imprimir no espírito de seus adeptos uma certa tendência, uma orientação dirigida no sentido de seu ideal. O que ela quer, antes de tudo, de acordo com os nosso Estatutos é fazer os homens mais amigos, mais esclarecidos, mais fortes, mais desejosos de trabalho, individualmente e em conjunto, pela felicidade da sociedade humana. Se pela aplicação dessa definição, for preciso especificar as principais finalidades da nossa Ordem, eis o que lhes atribuiremos:

1° - Suscitar, entre os homens (que de outra forma ficariam separados por classes, fortunas, profissões, opiniões políticas ou religiosas), os sentimentos da solidariedade que lhes permite a participação às mesmas tradições e aos mesmo Ritos;

2° - Tirar dessa fraternidade conseqüências praticas no duplo objetivo da tolerância recíproca e da mútua assistência;

3° - Fortalecer nos Neófitos o sentimento do dever, assegurando-lhes satisfações racionais a par das emotivas e estéticas de sua natureza;

4° - Chamar a atenção dos Iniciados para os grandes problemas da Ordem Universal e do destino humano.

Certamente há outras Instituições que laboram nos mesmos objetivos. Fora mesmo das religiões positivas que praticam seus fins no interior de seus confessionários, há inúmeras associações que, sob denominação as mais diversas, se propõem à educação individual de seus membros ou ao avanço geral da sociedade no terreno científico, literário, artístico, filosófico e moral; outras se esforçam por realizar as diversas combinações da mutualidade; outras ainda, como os círculos recreativos, que correspondem simplesmente ao instinto da sociedade humana. A Maçonaria reúne todos os objetivos, realçando-os pela prática de um simbolismo que forma ao mesmo tempo seu caráter distintivo e constitui seu processo educativo.

Os elementos desse simbolismo são emprestados aos organismos que contribuíram para o progresso moral e espiritual da humanidade. Nesse domínio se compreendem as grandes Religiões históricas. Em si própria a Maçonaria não é uma Religião. Mas por isso mesmo que se abre a todos os homens, sem distinção de crenças Religiosas, tem o direito de enaltecer o que cada Religião produziu de melhor. As Religiões não são contudo as únicas Instituições coletivas a que ela se dirigiu. É preciso lembrar que todos os Ritos constituem a parte fundamental, justificada não só pelas relações históricas de nossa Ordem, como ainda pelos antecedentes da civilização moderna, pelas tradições do companheirismo e das associações profissionais que constituíram a primeira e mais vigorosa expressão da solidariedade social na anarquia da Idade Média.

Por sua vez, o R.:E.:A.:A.: preocupa-se em fazer reviver as Ordens de Cavalaria, ou melhor, as manifestações do espírito cavaleiresco que personifica as mais belas faces do feudalismo. Enfim, nosso Rito conserva, e com justa razões, os traços do movimento, ao mesmo tempo, , intelectual e místico que se propagou envolto a um certo número de superstições, do hermetismo, na cabala e nas seitas de origem oriental.

O pensamento essencial de nossa liturgia é utilizar todas essas criações do passado, ou pelo menos, uma parte de suas lendas, de seus símbolos, de suas cerimônias, para delas tirar os elementos de um sistema destinado a pôr em evidência as qualidades e as virtudes mais necessárias ao homem: a prática da solidariedade, a justificação da tolerância, a apologia do dever e do trabalho, o recurso incessante às luzes da razão e da consciência, a fé na Liberdade e no progresso, a convicção de que, antes de tudo, convém caminhar de acordo com o Poder que guia o mundo para a harmonia e para a retidão.

Assim, toda Iniciação Maçônica deve corresponder:

1° - a uma lenda posta em ação;

2° - a um comentários histórico;

3° - a um ensinamento moral e filosófico.

a) A lenda deve ser tratada como um drama. É preciso que nela haja um personagem em torno do qual se encontre a ação; que este personagem passe por peripécias graduais e que suas aventuras tenham uma conclusão lógica.

A lenda de Hiram é o tipo por excelência dessas tragédias. A dificuldade foi encontrar outras que

pudessem corresponder aos diversos Graus. Contentemo-nos em assinalar, a título de exemplo, entre as fontes utilizáveis, as aventuras do Mestre Jacques De Molay; a vida de Buda, certas lendas épicas dos Caldeus, como a descida de Ister aos infernos; o dilúvio de Noé e Xisouthros; a tradição bíblica relativa a Zorobabel; o processo relativo a Jacques De Molay.

Todos conhecem o partido que Wagner soube tirar dos mitos da velha Religião germânica que motivaram o “Crepúsculo dos Deuses”.

O uso de uma lenda pode, entretanto, ser substituído, em certos Graus do passado. Os Ritos devem ter freqüentemente uma forma dramática, tais como: as provas, em Iniciação, de certos Mistérios, a produção do fogo no culto indo-europeu, as aventuras da alma na cosmogonia mitríaca, o julgamento da morte no conceito egípcio, a Investidura do Cavaleiro na Idade Média, etc.

b) Todas as cenas devem se desenrolar em um local apropriado; em outros termos, é preciso reviver o meio em que eram executados por atores que acreditavam ou podiam acreditar na eficácia dos Ritos ou na realidade dos dramas que reproduziam, isto é, que no limite de nosso conhecimento e de nossos recursos, reconstruamos, pouco a pouco, o judaísmo nacional e o profetismo universalista, o cristianismo dos primeiros séculos, os cultos dos gregos, dos persas, dos egípcios, etc. Assim como a lenda de Hiram deve reproduzir-se no Templo de Salomão, a carreira de Buda deve ser exposta em uma Vilhara, a paixão de Cristo deve ser passada em uma Igreja, as peregrinações planetárias da alma devem ser